



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DESENVOLVIMENTO DO CAMPO - FADECAM
POLO DE ACARÁ - PARÁ
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM ENFÂSE EM CIÊNCIAS
NATURAIS

DALVA MARIA FORO DA COSTA

AS VEIAS ABERTAS PELO DENDÊ: Efeitos na bacia hidrográfica do Igarapé Ipitinga do Assentamento Nazaré, Acará - Pará.

ACARÁ-PA

2019

DALVA MARIA FORO DA COSTA

AS VEIAS ABERTAS PELO DENDÊ: Efeitos na bacia hidrográfica do Igarapé Ipitinga do Assentamento Nazaré, Acará - Pará.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo, da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo - Ênfase em Ciências Naturais. Orientado pelo (a) Professor (a): Prof.^a Dr.^a. Eliana Teles.

ACARÁ-PA

2019

DALVA MARIA FORO DA COSTA

AS VEIAS ABERTAS PELO DENDÊ: Efeitos e na bacia hidrográfica do Igarapé Ipitinga do Assentamento Nazaré, Acará – Pará.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo, da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo - Ênfase em Ciências Naturais.

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito:

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Eliana Teles
(Orientadora) FADECAM – Campus Abaetetuba/UFPA

Msc. Elielson Pereira da Silva
(Examinador externo, doutorando NAEA)

Prof. Dr. André Luís Assunção de Farias
Examinador externo - (NUMA/UFPA)

Rosa Elizabeth Acevedo Marín
(Suplente, NAEA/UFPA)

Dedico a Deus, por me fazer sentir sua presença em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Á Deus por tudo que tem me proporcionado nessa caminhada em busca de conhecimento e sabedoria;

A toda minha família que comigo sorriu e chorou quando a luta parecia invencível:

A minha mãe (Maria Benedita), minha rainha que sempre rezou por mim e ajudou-me com sua simplicidade de quem sabe da vida pelas experiências vividas;

Ao meu pai (José Domingos) por antes de mim, sonhar em ver seus filhos quebrando o paradigma que sempre esteve posto para nós pobres e por me ensinar com seu exemplo de homem de luta que um mundo novo é possível e que a justiça social se faz fazendo;

Aos meus irmãos (Dario, Daniel, Danilo e Danielly) por me ajudarem em todos os sentidos e comigo estarem nesta jornada;

Aos meus filhos (Daiana, Ivanel Junior, Maria Clara e Maria Carolina) por entenderem minha escolha e a necessidade da ausência. Ao meu filho Igo por me fazer companhia diariamente no percurso escolar e comigo vivenciar a rotina de cansaço, porém gratificante;

Ao meu esposo (Ivanel) por se mostrar companheiro e acreditar em nosso amor para vencer as dificuldades da caminhada;

Aos meus colegas de turma, pela amizade construída e pela família que formamos. Em nome de todos dedico a Deyse Santos, minha companhia diária no percurso escolar, pelas risadas e choros, pelos medos e vitórias nesses quatro anos de jornada acadêmica, em que fomos porto seguro uma para a outra;

À banca examinadora, por aceitar o convite para avaliar este trabalho.

Á todos os professores por compartilharam conosco da árdua tarefa de aprender-ensinar e por nos mostrarem a importância da imersão na busca pelo conhecimento;

Em especial, a professora Eliana Teles, pela paciência e respeito diante das minhas limitações no momento da orientação deste trabalho. A você meu apreço e respeito.

Aos tantos amigos que durante esse percurso acadêmico contribuíram com meu crescimento enquanto ser humano e pela confiança em mim depositada;

Aos moradores do assentamento Nazaré, dos mais velhos aos mais novos por me abrirem as portas e o coração e me permitirem ser porta-voz de suas angústias e esperanças.

“Quando a última árvore tiver caído,
quando o último rio tiver secado,
quando o último peixe for pescado,
você vão entender que dinheiro não se come.”

AS VEIAS ABERTAS PELO DENDÊ: Efeitos e implicações na bacia do Ipitinga do Assentamento Nazaré, Acará – Pará.

Dalva Maria Foro Da Costa¹
Eliana Teles Rodrigues²

RESUMO: O modelo de desenvolvimento que tem se estabelecido no campo atualmente, tem gerado transformações que nem sempre consideram as especificidades desse espaço social. O presente artigo tem por objetivo discorrer, através de estudo de caso, sobre as transformações socioambientais que ocorreram a partir da implantação de megaempreendimento do cultivo da palma (**elaeis guineenses**) no território que compreende o Assentamento Nazaré, município do Acará, PA. O trabalho foi de cunho qualitativo, com pesquisa documental e bibliográfica, com trabalho de campo, para acompanhar a situação do igarapé Ipitinga e seus afluentes e realização de entrevistas a 13 agricultores do Assentamento. Como resultado pontua-se que o dendê, produzido em larga escala, produziu efeitos diretos nos cursos d'água e transformou o cotidiano desses camponeses e modificou a forma de se relacionarem com os recursos naturais de seu entorno.

Palavras-chave: Bacia hidrográfica; Agronegócio; Assentamento; Agricultores.

ABSTRACT: The development model that has been established in the field today has generated transformations that do not always take into account the specificities of this social space. This article aims to discuss, through a case study, the socio-environmental transformations that occurred from the implementation of mega entrepreneurship of the cultivation of the Guinean *Elaeis* palm in the territory that comprises the Nazaré Settlement, municipality of Acará, PA. The work was qualitative in nature, with documentary and bibliographic research, with field work, to monitor the situation of the Ipitinga stream and its tributaries and conducting interviews with 13 farmers of the Settlement. As a result, it is pointed out that oil palm, produced on a large scale, produced direct effects on water courses and transformed the daily lives of these peasants and changed the way they relate to the natural resources of their surroundings.

Keywords: Hydrographic basin; Agribusiness; Settlement; Farmers

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo-FADECAM da Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba / Pólo Acará - Pará

² Docente da Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo - FADECAM/UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba.

LISTA DE FIGURAS, QUADRO E TABELA

Figura 1: Localização da área da pesquisa e da sub-bacia Ipitinga	14
Figura 2: Ocupação e formas de uso da terra no entorno do PA Nazaré.....	34
Tabela 1: Delimitação e distribuição dos lotes no PA Nazaré	26
Quadro 2: Formas e uso e ocupação da terra pelos agricultores do PA Nazaré	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. METODOLOGIA.....	14
2.1 Caracterização da área da pesquisa	14
2.2. Materiais e métodos.....	15
3. CONCEPÇÕES TEÓRICAS QUE NORTEARAM O ESTUDO.....	15
3.1 A bacia hidrográfica e sua importância social e ambiental.....	17
3.2. As transformações no uso da terra com a chegada do dendê no Vale do Acará.....	17
4. RESULTADO E DISCUSSÕES.....	21
4.1 A criação do PA Nazaré para contrapor o avanço no monopólio da terra.....	21
4.2 A forma de uso comum dos recursos dá lugar ao assalariamento.....	28
4.3 A mudança dos referenciais com a construção dos ramais.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	37

INTRODUÇÃO

O modelo de desenvolvimento que tem se estabelecido no espaço camponês da Amazônia, atualmente, tem gerado transformações que alteram não só a paisagem, como impõe radicalmente uma outra maneira àqueles que aí habitam de se relacionar com os recursos. A expressão que dá título a este trabalho, faz referência ao clássico de Eduardo Galeano, mas não só, é também uma alusão aos traçados geométricos tão característico dos dendezaís que se proliferam na região do nordeste paraense, principalmente no vale do Acará. Tais formas geométricas têm solapado violentamente os traçados naturais do relevo, cuja natureza proporcionou um emaranhado de meandros que cortam e recortam a terra: são os igarapés, os quais são responsáveis diretos pela existência das bacias hidrográficas que alimentam essa região, alvo da indústria de *plantation*, no passado e no presente, mas que é também, desde tempos imemoriais, o palco da vida material e simbólica de povos tradicionais.

A expansão capitalista no campo brasileiro vem ocorrendo das mais diversas formas. Ao analisarmos a vasta literatura que tem se preocupado em estudar os processos de exploração que se deram ao longo dos séculos, nos deparamos com um histórico de usurpação, tanto dos recursos, quanto dos seres humanos, marcado por intensos conflitos, pois os interesses sempre se mostraram antagônicos.

A região Amazônica que sempre esteve na mira do capital sendo apontada como última fronteira agrícola, que das mais variadas formas, tem usado de todas as artimanhas para garantir estruturar-se. Nessa corrida, diferentes ciclos do capitalismo têm sido desenvolvidos na região, todos voltados para assegurar os interesses corporativos e acumulação de capital desconsiderando, no entanto, as formas de existência que se configuram na indissociabilidade

na dimensão física e social do espaço (NOVAES, MARIN, 2015, p. 173).

No Nordeste paraense essa exploração ganhou evidencia com o lançamento do programa nacional de produção sustentável do óleo de palma como parte do PNPB (programa nacional de produção e uso do Biodiesel). Lançados pelo governo federal, estes são projetos estratégicos para alavancar a produção de biocombustível e para incluir os agricultores na cadeia produtiva do dendê. (GOMES, SILVA, MACEDO, 2016, p. 191)

A exploração por parte do grande capital sempre pode contar com apoio irrestrito de parcelas significativas de esferas governamentais, que atuam no sentido de favorecer as estratégias desses empreendimentos. Com a promessa de desenvolver a região e acabar com o desmatamento, por utilizar áreas degradadas, o projeto de implantação do agronegócio do dendê, trouxe consigo diversas transformações que afetaram diretamente as populações residentes nestes territórios.

O Assentamento Nazaré, localizado no município Acará, na região nordeste do estado paraense, está inserido nesse contexto de desenvolvimento do agronegócio. Em suas cercanias, são observadas cotidianamente, as transformações de que falamos, desde a instalação do megaempreendimento do cultivo da palma *elaeis guineenses*, conhecida popularmente no Brasil como dendê. Com esta breve introdução, apresentamos o tema em tela, com a intenção de adentrar as veias abertas pelo dendê nas terras do baixo curso do rio Acará, e assim, problematizar sobre seus efeitos, num diálogo com os camponeses, agentes desse território, e desse modo, poder identificar e evidenciar o impacto dessas transformações no uso dos recursos.

Desta forma, procuramos demonstrar através dos relatos dos entrevistados o antes e o hoje, no sentido de entender, desde as percepções desses sujeitos, suas observações e vivências, as transformações que vem ocorrendo nos vários aspectos que compõem sua vida de comunidade e povo tradicional. Em outras palavras, procura-se, evidenciar as imposições exógenas que transformam a dinâmica local e, suas relações com os recursos naturais disponíveis.

Assim, o motivo que nos levou a realizar essa pesquisa relaciona-se com a condição de sujeito que está inserido no contexto do território e participa das observações no que tange as transformações socioambientais que vem ocorrendo a partir da implantação do projeto de produção de óleo de palma e que modificam de maneira singular os modos de vida, as formas de uso da terra, as relações de trabalho, bem como os aspectos ambientais do território.

Os conhecimentos apreendidos durante o curso e licenciatura em Educação do Campo contribuíram para nos questionarmos sobre nosso papel social e em mim suscitaram o desejo de fazê-lo, evidenciando as questões que estão em pauta no campo, trazendo para o mundo acadêmico a realidade experienciada em minha vivência local e que se assemelham com a de muitos camponeses, especialmente no Nordeste Paraense.

Portanto, este trabalho tem também a modesta intenção de contribuir como fonte de pesquisa e informação no processo de ensino aprendizagem nas escolas do Campo, que a cada dia necessitam de alicerces, para que possam garantir uma educação transformadora que contribua com os homens e mulheres, agricultores e agricultoras do campo, dessa parte da Amazônia, bem como um convite a reflexão sobre o domínio avassalador do grande capital.

A educação do campo, propõe como um de seus objetivos, a formação integral do sujeito a considerar a tríade trabalho-cultura-conhecimento. Nesse tripé, deve-se considerar os espaços formativos enquanto espaços que oportunizem a reflexão-ação, a partir da realidade vivenciada no campo, que se apresenta como espaço em constante transformação e como território em disputa.

Sem dúvida, o lugar do qual estamos tratando é um território em disputas. No entorno do Assentamento Nazaré, atualmente encontra-se o polo Vera Cruz que é composto predominantemente por extensos plantios de dendê e pela fábrica de esmagamento dos frutos colhidos no plantio, a usina castanheira. Trata-se do empreendimento da empresa Biopalma da Amazônia S/A, localizada as margens do rio Miritipitanga.

Toda essa região territorial é banhada pelo rio Miritipitanga e cortada por inúmeros igarapés, entre esses o igarapé Ipitinga, cujas margens encontra-se as comunidades Nossa Senhora de Nazaré do alto e Nossa Senhora de Nazaré do baixo no Assentamento Nazaré, lócus da pesquisa. O conjunto de transformações decorrentes da implantação do empreendimento do dendê estão no centro dos debates nestas localidades que desde 2009, presenciam as transformações que vem ocorrendo.

São acontecimentos que não passam despercebidos aos olhos dos sujeitos que ocupam o território, os quais empiricamente apontam as dificuldades enfrentadas com a chegada do empreendimento e suas afetações diretas na vida desses camponeses.

Diante do exposto, esta proposta de pesquisa problematiza sobre essas transformações, que se dão em vários aspectos e influenciam a dinâmica existente neste local. Considerando o contexto ora apresentado, questiona-se, quais transformações a chegada do empreendimento do agronegócio do dendê trouxe para o território do Projeto de Assentamento Nazaré (PA Nazaré), que corta a microbacia do Igarapé Ipitinga no município de Acará? Dessa forma, o objetivo geral do presente trabalho visa identificar as transformações socioambientais no PA Nazaré, a partir da implantação do dendê nessa região.

Como objetivos específicos trabalharemos com os seguintes tópicos.1 - Conhecer as transformações ouvindo os moradores das comunidades estudadas; 2 - evidenciar a relação dos moradores com os recursos da bacia do Ipitinga; 3 - realizar o mapeamento dos igarapés que banham o território do Assentamento Nazaré.

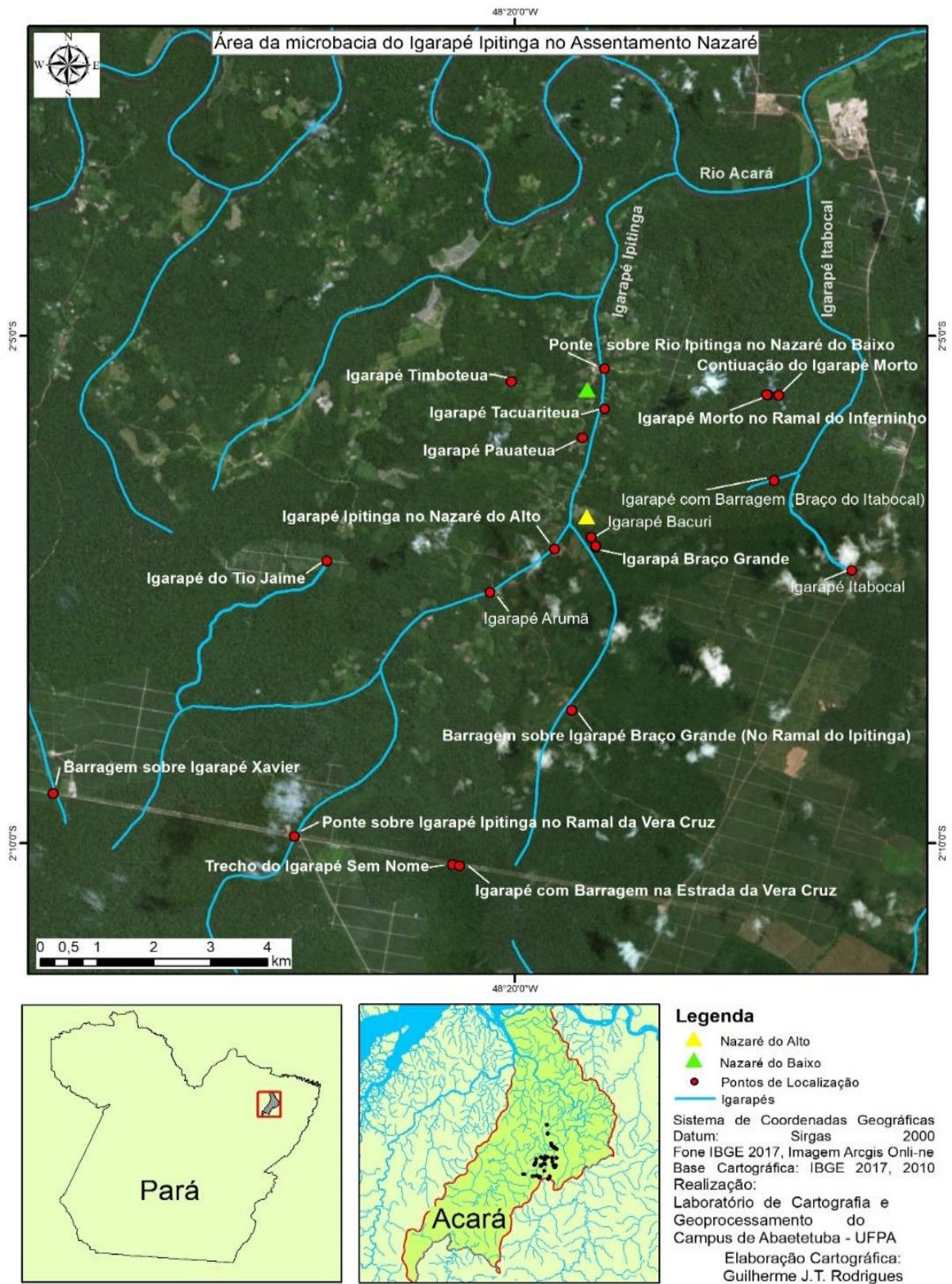
Este trabalho divide-se em cinco partes. Após esta introdução, passa-se a uma breve discussão sobre o referencial teórico que nortearam a pesquisa, dando ênfase ao assentamento Nazaré e sua transformação com a chegada do dendê, seguido da proposta metodológica adotada. Posteriormente passa-se ao resultado da pesquisa, com a discussão desse resultado, finalizando com as Considerações Finais.

2. METODOLOGIA

2.1 Caracterização da área da pesquisa

O igarapé Ipitinga é um dos diversos cursos d'água que compõe a malha hidrográfica dessa porção que corresponde a intermediária do rio Acará. A carta imagem abaixo, localiza a área da pesquisa, com destaque para a microbacia do Ipitinga e seus afluentes.

Figura 1: Localização da área da pesquisa e da sub-bacia Ipitinga



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

2.2. Materiais e métodos

A pesquisa fez uso da abordagem qualitativa, com leituras no campo da ecologia política, para compreender o campo empírico. Utilizou-se o método participativo com base em estudo de caso, conforme os argumentos de Flick (2004), em que foi estabelecido contato prévio com os moradores das comunidades investigadas: Nazaré do Alto e Nazaré do Baixo, as quais estão localizadas no Projeto de Assentamento Nazaré. A investigação inicialmente se deu através de roda de conversa com lideranças comunitárias, em seguida a aplicação de questionário e entrevistas com moradores (13) e por fim, a realização de oficina para produzir o croqui. Selecionou-se assim, 6 moradores agricultores, que vivem no assentamento antes de sua criação e 5 moradores filhos de agricultores e 2 moradores que vieram de outras localidades nos últimos dez anos. A escolha dos entrevistados teve o intuito de entender as relações que estes mantêm com os principais recursos existentes no território, quais as suas percepções acerca das transformações que ocorreram e vem ocorrendo no igarapé Ipitinga e seus efeitos no uso dos recursos.

A técnica de mapeamento, com levantamento de pontos através do uso do Sistema de Posicionamento Global – GPS, se deu em abril e agosto de 2019, sendo esta última a mais extensa, pois envolveu toda a área do Assentamento Nazaré e suas adjacências. Como instrumentos de pesquisa foi aplicado questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, estas com objetivo de obter as informações primárias dos entrevistados, relacionando-as as principais transformações ocorridas no território a partir da chegada do dendê. Também foram utilizados como instrumentos; gravador de voz, aparelho celular, câmera fotográfica, caderno de campo e aparelho de GPS, que serviu para tirar os pontos dos locais para a confecção dos mapas que serão apresentados neste trabalho.

3. CONCEPÇÕES TEÓRICAS QUE NORTEARAM O ESTUDO

3.1 A bacia hidrográfica e sua importância social e ambiental

As diversas definições de bacia hidrográfica formuladas ao longo do tempo, trazem em seu escopo muitas semelhanças, pois elas dizem respeito a concentração de drenagem num determinado recorte espacial. Dentre as definições propostas, destacamos aquela formulada por Guerra e Cunha (2007, p. 98) que a define como “uma área da superfície terrestre que drena água, sedimentos e materiais dissolvidos para uma saída comum, num determinado ponto de um canal fluvial”, sendo que seu limite é conhecido como *divisor de drenagem* ou *divisor de águas*, posto que elas se formam nas áreas mais altas do relevo.

De acordo com Teodoro (et al., 2007, p. 139), “cada bacia hidrográfica interliga-se com outra de ordem hierárquica superior, constituindo, em relação à última, uma sub-bacia”. E dentro dessa subdivisão, diversas definições aparecem na literatura, sendo que alguns estudos, aparecem com o termo microbacia. Mas em que pese esses termos e classificações, a importância de se estudar o funcionamento de uma rede drenagem está relacionada ao uso, ao funcionamento, posto que influenciam e determinam a vida dos que se encontram nesse contexto geográfico.

Neste estudo, a delimitação espacial diz respeito a uma microbacia, cuja definição tem em conta os aspectos ecológicos, pois nesses termos da escala tem-se em conta “a relação de interdependência entre os fatores bióticos e abióticos, sendo que perturbações podem comprometer a dinâmica de seu funcionamento” (TEODORO et al 2007, p. 139). Nessa abordagem, a microbacia constitui um geossistema (CHRISTOFOLETTI, 1999 apud GUERRA E MARÇAL, 2006, p. 96), cuja estrutura complexa relaciona a sociedade e a natureza.

A história da colonização e ocupação do território brasileiro, bem como sua formação cultural e expansão econômica se deu a partir da abundância e disponibilidade da sua bacia hidrográfica. Nesse sentido, Ioris (2010) destaca que “o fato de contar com água em profusão influenciou a colonização do território, a formação cultural e, de resto a própria relação entre a sociedade e a natureza” (2010, p. 212). Ainda acrescenta que, a chegada dos colonizadores portugueses e de todos os outros povos que vieram posteriormente, exploradores ou escravos, se deu pelos caminhos de água. Assim, rios, aquíferos, lagoas, mangues e igarapés que banham todo território brasileiro facilitaram a colonização e povoamento de nosso país (Ibdem).

A análise histórica das questões geográficas e políticas da formação do território brasileiro, constata que tal formação se dá a partir da conexão direta com os recursos hídricos. Os nativos, mesmo que nômades, como diz a autora supracitada, organizavam-se socialmente em grupos às margens dos cursos de água e ali formavam suas tribos e toda dinâmica de caça, pesca e produção de alimento se entrelaçava com a água disponível nos arredores. Com a chegada dos europeus e início da exploração capitalista dos recursos naturais como madeira e minério, assim como toda produção econômica aqui desenvolvida desde os primórdios, tal conexão apenas aprimorou-se e tornou-se ainda mais intensa. Deste modo, os recursos hídricos serviram não apenas como meio de mobilidade de pessoas e produtos, como também permitiram que às margens do litoral se formassem vilas e povoados que posteriormente deram

origem as principais cidades brasileiras e a outras inúmeras cidades que foram se formando ao longo dos rios.

3.2. As transformações no uso da terra com a chegada do dendê no Vale do Acaraú

No Brasil os projetos de assentamentos surgem em decorrência das lutas sociais de homens e mulheres que buscam por um pedaço de terra para produzir. Silva (2015) aponta que,

No sentido clássico, a criação de assentamentos é o resultado de Intervenções na estrutura fundiária, que se dá mediante a conversão de terras privadas – que não cumprem a função social – em áreas reformadas, efetivadas pelo Estado Brasileiro principalmente em razão da intensa mobilização dos sujeitos sociais de luta pela terra. (2015, p. 130).

Porém, na área estudada a privatização da terra passa a ocorrer quase no mesmo período de criação do assentamento, ou seja, se diferenciando do sentido clássico apontado por Silva (2015). Diante disso buscamos compreender como se deu tal processo ouvindo os camponeses e analisando a literatura e nos aprofundaremos adiante.

A partir de pesquisas de campo e entrevistas realizadas com moradores das localidades Nazaré do Alto e Nazaré do baixo, situadas na bacia hidrográfica do Igarapé Ipitinga, no sentido de entender as transformações quanto ao uso da terra a partir da chegada do dendê, ficou evidente que o uso deste recurso desde os primórdios sempre esteve ligado à agricultura de subsistência, com extrativismo vegetal, a caça e a pesca, bem como a prática do roçado, onde se cultivava diversos tipos de plantios relacionados a sobrevivência e manutenção das famílias. Toda a produção se voltava a atender as necessidades essenciais do indivíduo daquele lugar e o excedente produzido era comercializado para gerar dinheiro, que seria utilizado para comprar aquilo que não se produzia na terra e não extraía da mesma.

No entanto, a exploração dos recursos naturais que garantiram durante, muito tempo a manutenção dos camponeses, não chegou a acarretar danos visíveis ao meio ambiente como os que se expressam nos últimos anos, segundo relatos dos moradores.

As transformações que até a década de 1990 se davam de forma lenta, acelerou-se a partir dos anos 2006, 2007 com a chegada de pessoas ligadas a grandes grupos empresariais iniciaram o de compra de terras para plantio de dendê. São as agroestratégias, apontadas por Almeida (2010), que vendem uma ideia de desenvolvimento sustentável para as grandes

extensões de terra do campo brasileiro, mas que “tem por objetivo principal estender os tentáculos do grande capital e expandir sua área de domínio” (2010, p. 10).

Tais estratégias, no entanto, encontraram de início uma certa resistência nas localidades estudadas, uma vez que as mesmas já contavam com a Associação dos Moradores e Agricultores do igarapé Ipitinga, Rio Miritipitanga – Alto Acará e iniciavam o processo de organização para criar o PA Nazaré, o que de certa forma inibiu o do mercado de terras naquela área, protegendo-a naquele momento.

Vale destacar que no início dos anos 70, houve uma grande empreitada por parte de fazendeiros para tomar posse de grandes áreas de terra que eram consideradas devolutas. Tinha-se o intuito de expandir a criação de bovinos naquela região, criando um verdadeiro cerco ao vale do Acará, especialmente a área onde se localiza o igarapé Ipitinga. Os autores Tancredi et al (2016, p. 2), apontam que “a mesorregião nordeste paraense é a de mais antiga colonização e exploração econômica e, por isso teve grande parte de sua paisagem natural modificadas devido às atividades agropecuárias nela instaladas”

Tais atividades renderam mais tarde o cenário propício à implantação do agronegócio do dendê, consolidando essa região como um grande polo de produção do produto. Tal cerco gerou conflitos e houve resistência por parte dos grupos étnicos que aí residem, porém, estes grupos viram-se forçados a restringirem o uso do território, principalmente as áreas que eram utilizadas à caça de animais silvestres que serviam para a alimentação das famílias. Desta forma houve a ruptura do uso destas áreas, transformando este modo de vida das localidades pesquisadas.

Contudo, as transformações no uso da terra aconteceram de forma mais acirrada a partir da chegada do megaempreendimento do dendê pela empresa Biopalma da Amazônia S/A, e não se diferem do paradigma exógeno das transformações ocorridas em outros territórios do Brasil e que se destacaram no estado do Pará conforme aponta Carvalho (2018),

“Atuam no Estado atualmente, desde empresas nacionais produtoras de dendê à internacionais[...]. Os novos atores ao instalarem-se na região trazem consigo novos investimentos, criam uma nova configuração territorial aos lugares onde aportam, fazendo nascer diferentes relações que transformam a dinâmicas existentes, fazendo com que a dendeicultura se tornasse um evento no Estado (CARVALHO, 2018, p. 1-2).

O território do assentamento Nazaré, a partir da chegada do dendê, sofreu transformações que vão desde a paisagem dos lugares, à exemplo a diminuição das áreas de cobertura vegetal nativa (tanto a mata primária quanto a secundária), a homogeneização das paisagens com predominância de dendezaís que passaram a dominar as grandes áreas onde antes se viam pastos e criação de bovinos, como também as áreas em que predominavam a agricultura familiar, já que muitos agricultores nos arredores, venderam seus lotes para as empresas de dendê (ALMEIDA, 2010).

Ao se considerar as grandes extensões de terra adquiridas pelas empresas de dendê na região, tomemos por base o que afirma Almeida (2010), “para isso, estes interesses buscam liberar as terras tanto de condicionantes jurídico-formais e político-administrativos quanto de limitações associadas à presença de grupos étnicos ou de determinadas modalidades de uso das terras tradicionalmente ocupadas” (2010, p. 116). Foi o que ocorreu em certas localidades onde grupos de famílias foram expropriados sob alegação de que a terra pertencia a outro dono, o fazendeiro, que estava vendendo-a para o dendê. Nesse caso as famílias receberam um valor como indenização pelos patrimônios construídos e tiveram que sair da terra.

É notório que desde que as empresas de dendê aportaram no vale do Acará, todas as comunidades que se localizam ao redor deste empreendimento vêm sofrendo intensas transformações, que se iniciaram com a especulação para a compra das terras de fazendeiros da região e dos agricultores que, motivados pela propaganda do lucro, acabaram cedendo aos interesses financeiros destes grupos empresariais. Neste sentido Almeida afirma que;

“As disputas acirradas para liberar aos empreendimentos dos agronegócios todo o estoque de terras passíveis de serem aradas evidenciam, neste sentido o quanto certas regiões estariam correndo o risco de perder autossuficiência alimentar, desagregando a economia agrícola de base familiar, e de importar volumes consideráveis de produtos agrícolas (2010, p. 116).

As afirmativas de Almeida (2010), podem ser empiricamente constatadas nas falas dos entrevistados.

E a agricultura da localidade, também tem mudança, porque muitas pessoas que deveriam tá cultivando a terra no trabalho da agricultura familiar, com plantio da mandioca, com plantio da nossa cultura mesmo, como o açaí, por exemplo. Mas a gente vê que muitas pessoas moram na nossa comunidade, mas presta serviço pra empresa, trabalha pra empresa no dendê. Muitos deixaram de trabalhar na terra pra ser empregado da empresa” (Ivanel Costa, em agosto de 2019).

Essa foi uma das transformações apontadas, quanto ao uso da terra, a partir da chegada do dendê, porém, não somente isso, como também no meio social e no território com um todo onde foi implantado esse cultivar, ocasionou-se outras mudanças, por exemplo, nas relações de trabalho e no tempo dedicado ao trabalho no seu lote. Isso se deve a que, muitas famílias passaram a ter o tempo contado a partir da lógica da empresa, em que os trabalhadores necessitam acompanhar o ritmo exaustivo do trabalho nos dendezaís, que se inicia pelo sair de madrugada e retornando somente no início da noite. Isso acarreta cansaço físico e problemas de saúde, conforme a fala de um dos entrevistados, que é também o Agente Comunitário de Saúde.

Eu como ACS, eu tenho umas 06 pessoas que estão sofrendo agora por tipo assim, esforço de trabalho, por trabalhar na empresa né. Porque aí eles inventaram, já trabalhou o seu horário e ter mais a produção, e aí nessa produção ele se mata, porque ele já fez o que o corpo dele garante, mas ele ultrapassa, por isso eles tão já com problema de saúde. (Elçon Muniz, em setembro de 2019)

No início, foi a compra de terras, que motivou muitos agricultores a venderem seus lotes, já que o valor ofertado parecia extraordinário para aqueles que nunca tinham conseguido ganhar tanto com o trabalho na lavoura. Porém, verificou-se, que tal fato não se deu na área determinada para o assentamento, visto que esses projetos, uma vez instituídos configuram uma “Área protegida”. No entanto, as comunidades ao redor, que não estão na delimitação do Assentamento, foram as que mais sofreram com essas investidas. Assim, muitos moradores dessas localidades venderam seus lotes, deixando o campo para morar na cidade, como é visivelmente notório nas periferias da zona urbana do município de Acará.

Esses fatores, juntamente com a venda da terra de fazendas vizinhas ao território do Assentamento Nazaré, fizeram com que a empresa Biopalma se tornasse detentora de milhares de hectares de terra ao longo de toda a região, que passaram a receber, a nomenclatura de “terras da Biopalma”, iniciando-se assim, um processo de limitação ao acesso à terra para agricultores familiares. E a partir de 2011, com o início do plantio do dendê, evidenciou-se ainda mais o cerco e as transformações locais, em que as extensas áreas de mata e capoeira, deram lugar a uma paisagem marcada pela geometria retangular, característica das grandes extensões de palmeiras de dendê.

4. RESULTADO E DISCUSSÕES

4.1 A criação do PA Nazaré para contrapor o avanço no monopólio da terra

A área de abrangência do Assentamento Nazaré, foi no passado uma vasta floresta, em que se instalaram famílias de agricultores e ocuparam as denominadas “terras devolutas”, às margens do igarapé Ipitinga. As duas localidades distintas, devido a influência religiosa, ficaram conhecidas como Nossa Senhora de Nazaré do Alto e Nossa Senhora de Nazaré do Baixo, dada suas localizações – uma a jusante e a outra a montante – na bacia do igarapé Ipitinga, ou comumente Nazaré do Baixo e Nazaré do Alto.

Mas o processo de ocupação do povoado que compreende o território, hoje denominado Assentamento Nazaré, é antigo. Segundo os entrevistados e livro de ata da fundação³ da comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Alto, data dos anos 40 do século passado. Posteriormente, por volta dos anos 70, e com base na organização das comunidades eclesiais de base, constituiu-se a organização social das comunidades denominadas Nossa Senhora de Nazaré do Alto e Nossa Senhora de Nazaré do Baixo, que se situam as margens do igarapé Ipitinga localizado na zona rural do município de Acará.

O modo de organização dos moradores desde os primórdios esteve ligado não somente a luta pela sobrevivência, mas também a garantia do território enquanto espaço dotado de importância para aqueles que nele residem e cujas relações perpassam os aspectos ligados a economia. Vai além, e está presente na maneira como lidam e preocupam-se com os recursos disponíveis, com destaque para o igarapé Ipitinga que sempre foi tido como o recurso mais representativo para todos, evidenciado nas falas a seguir:

No período da minha adolescência, a gente ainda morava lá em baixo e eu era o pescador da casa. Eles iam trabalhar eu ficava pescando, e quando eles chegavam tinha comida pro jantar, pro almoço no outro dia. Era muito bacana pescar nesse tempo, tinha muita fartura, não precisava nem tanto tempo, era assim uma maré. O igarapé era a fonte principal, se trazia mandioca da roça botava pra amolecer no igarapé, precisava de comida ia buscar no igarapé, que tinha muito peixe, muita caça, uma viagem era só pelo igarapé, água nós consumia do igarapé. O igarapé era pra tudo (Manoel oliveira 52anos, entrevista em setembro de 2019).

Do que eu me lembro o nosso igarapé era totalmente diferente, uma época dessa por exemplo, a gente via que a água era bem alvinha, bem suave que

³ De acordo com o Livro de Ata consultado, a comunidade Nossa Senhora Nazaré do Alto tem como data de sua fundação oficial, o mês outubro de 1946.

não tinha poluição de nada (Adalberto Trindade 34 anos, entrevista em setembro de 2019).

Aqui tudo era pelo igarapé, ninguém fazia viagem de transporte terrestre era só marítimo como se diz, pela água, o caminho era o igarapé canoa, se a gente não tivesse a canoa e o remo a gente não ia. Todo mundo tinha (Antônia Paiva 74 anos, entrevista em setembro de 2019).

Conforme a fala dos entrevistados que apresentam idades e lembranças diferentes, podemos perceber a importância que este recurso sempre ocupou na vida dos moradores que habitam suas margens. Com base no levantamento durante a pesquisa de campo, foi possível verificar a situação dos igarapés (também chamados braços pelos moradores) que compõem a microbacia do Ipitinga e do Itabocal (ver figura 1, p. 24). Este último é paralelo ao Ipitinga, tem menor extensão e não é utilizado pelos moradores do PA, por sem encontrar fora da delimitação do PA, exceto seus afluentes. Todavia, chama a atenção, pois dentre esses afluentes encontrou-se “igarapés mortos”⁴, todos dentro da área de plantação de dendê.

A bacia do Ipitinga, demonstrada na figura 1, é composta dos seguintes igarapés:

- pela margem esquerda: Igarapé Patauateua, Timboteua, Tio Jaime;
- pela margem direita: Arumã, Bacuri, Braço Grande, Tacuariteua, *Sem Nome(1)*, *Sem Nome(2)*⁵.

É importante destacar que os igarapés observados dentro do PA Nazaré têm fluxo normal, isto é, sem barragens. No entanto, o Tio Jaime e Braço Grande, apresentam barragens, quando saem do outro lado da estrada. O Tio Jaime encontra-se com barragem no trecho do Ramal do Pólo Vera Cruz, aí há uma grande tubulação que canaliza a água para dentro do empreendimento.

Mas, se os igarapés determinam o curso da vida, a terra é a base material, para que ela se perpetue, por isso, as disputas pelo controle da mesma tem sido histórica nessa região. Os fatos ocorridos na região do Alto Acará, mais precisamente no vale do Ipitinga e arredores, narrados durante a pesquisa, demonstram as lutas empreendidas em defesa do território.

⁴ Igarapés com barragens, sem tubulação, assim impossibilitados de dar vazão ao seu fluxo. Com isso, a água encontra-se acumulada do lado oposto a barragem, sem conexão, formando pequenos lagos.

⁵ A expressão “Sem Nome”, deve-se ao fato de não serem conhecidos e nomeados durante o levantamento em campo.

Nas décadas de 70 os conflitos emergiram com a chegada na região de um dos atores da oligarquia agrária dessa região do Acará, o fazendeiro. Este, com seu bando dos quais muitos andavam armados, adentraram a mata desde o rio Acará subjungando os camponeses e apossando-se das terras, ao chegar na bacia do Ipitinga, encontrou a resistência dos moradores que se organizaram para demarcar, na luta pelo território, por conta própria os lotes, apesar das ameaças constantes do fazendeiro conforme o trecho da fala da entrevistada:

Quando esse fazendeiro veio pra cá, veio com pistoleiro, com todas essas coisas pra mandar tirar o pico do terreno todo, da boca do ipitinga até ali por onde era a fazenda do Araújo. Como o meu sogro era o dono daqui, quando chegaram ai perto ele soube que eles vinham e começou ficar preocupado, então foi reuni o pessoal. Aí ele (o fazendeiro) veio, com o pessoal dele e ainda trouxe pistoleiro pra fazer medo pro pessoal daqui né. Quando chegou abaixo dali do seu Benedito, que era o limite das terras daqui o meu sogro só mandou fazer o pico. E quando o fazendeiro chegou lá o pico já tava feito, aí veio falar com ele, perguntou como é que ele tinha comprado esse terreno, que o terreno era do Faustino, que ele tinha comprado. Aí o meu sogro perguntou do documento, se ele tinha, ele não tinha e o meu sogro tinha o protocolo do INCRA e apresentou e de lá eles não seguiram pra cá, aí foi que a gente ficou nessa área aqui e daqui pra cima ficou protegido. (Antônia Paiva, setembro de 2019).

Essa fala evidencia que os conflitos gerados na luta pela terra sempre estiveram em pauta, e os camponeses criaram suas próprias estratégias de defesa, uma vez que o Estado desde sempre atua pela viabilização do avanço do capitalismo e as populações do campo tidas como sujeitos biologizados, sem consciência nem direitos (ALMEIDA, 2010).

As investidas do grande capital para se territorializar nessa região está em consonância com que aponta Couto, Sousa e Macedo (2012) ao afirmar que as estratégias desenvolvimentistas para a Amazônia até metade do século XX sempre estiveram pautadas em um pensamento exógeno, que nega a diversidade ambiental e sociocultural da região e veem o espaço geográfico amazônico com infinitas possibilidades de exploração dos recursos naturais e transformação da paisagem com incentivo à produção do agronegócio exportador. Neste sentido os autores destacam que:

Buscava-se a configuração de um espaço homogêneo nas terras da Amazônia a partir da modificação das paisagens, a partir da introdução da monocultura o que de certa forma contribuía para o enfraquecimento da base econômica tradicional e ao mesmo tempo para o enfraquecimento dos pequenos produtores rurais que muitas vezes eram expropriados de suas terras através da prática da grilagem ou até mesmo da pressão que sofriam dos grandes latifundiários para venderem-na. (COUTO; SOUSA; MACEDO, 2012, p. 4).

Ainda sobre esse assunto a entrevistada continua dizendo que “ele (o fazendeiro) foi vivendo criando boi, onde ele chegava que tinha uma pessoa que morava naquela beirada de rio, ele mandava embora, ele botou todo o pessoal de lá e se fizesse roça tinha que plantar o capim pra deixar, porque foi assim que ele fez com a minha mãe. Ela ainda morava lá, mas aí com tudo isso ela saiu da terra e deixou pra lá e ele tomou conta de tudo”. Demonstrando o que aconteceu em outras localidades, porém na mesma região.

Esse histórico se faz necessário para que se entenda os processos que ao longo do tempo transformaram o vale do Ipitinga e a mesmo tempo garantiram a permanência deste, como espaço habitado por famílias de agricultores familiares, que numa relação hereditária acumularam os conhecimentos, perpassados de geração para geração, tanto no que diz respeito as técnicas agrícolas, quanto das lutas que se fazem necessárias para a manutenção e existência da comunidade em geral.

Portanto, a organização em assentamento se deu principalmente a partir da criação da Associação dos Moradores e Agricultores do Igarapé Ipitinga e Rio Miritipitanga-Alto Acará-AMAIIRIN. Fundada em 1996, com objetivo de organizar os moradores na luta por direitos: a crédito, a terra, organização da produção, entre outros.

A partir de então, a associação passou a buscar junto aos órgãos competentes, as melhorias sonhadas para o território, sendo a busca pela legalização fundiária seu maior empenho. Todo o território do Ipitinga, assim como os arredores, sempre esteve sob a jurisdição do INCRA, que desde então passou a manter uma certa relação com a associação, repassando informações sobre como proceder para buscar a legalização fundiária do território.

Segundo relatos dos entrevistados, a partir do ano de 2008, após reuniões de associados com a presença de representantes do INCRA, foi iniciado o processo de criação do PA Nazaré. Sobre essa questão Silva (2013, p. 147), aponta que:

Na Amazônia, em particular, em razão da existência de um estoque considerável de terras públicas não-destinadas, notadamente a partir do início da década de 2000, o INCRA e os institutos de terras estaduais têm optado pragmaticamente pela criação de assentamentos nessas áreas, o que têm motivado intensos debates acadêmicos sobre o próprio conceito de reforma agrária. (SILVA, 2015, p. 147).

O Projeto de Assentamento Nazaré, é fruto dessa política, pois foi criado como resultado daquilo que o autor supracitado chama de “federalização das terras da Amazônia”. Tal procedimento se fundamentou no decreto número 1.164/71. Vale destacar que esses projetos de assentamento foram criados nos últimos anos, a partir de uma “ressignificação da reforma agrária na Amazônia” (SILVA, 2015, p. 147). Tal ressignificação define a destinação de terras para camponeses do seguimento de povos e comunidades tradicionais, e de acordo com Silva (2015), tem o caráter de uma “reforma agrária preventiva”, ou seja, tal medida concorre para que se obtenha a alteração da concentrada estrutura fundiária regional, uma vez que ao se afetar uma determinada área para o assentamento de famílias, automaticamente aquele território não mais poderá ser incorporado ao mercado de terras.

É nesse contexto que se deu o processo de transformação de uma área que era considerada terra da união e que num dado momento se transforma em assentamento, criando-se assim o PA Nazaré, cuja homologação se deu no ano de 2012, com uma área territorial de 5.136, 6010 hectares e um total de 103 famílias (INCRA, 2015). Atualmente, a distribuição geográfica dos lotes se encontra alterada, pois novas famílias já se formaram e procuram adequar-se no território redistribuindo-o entre os posseiros.

Tabela 1 - Delimitação e distribuição dos lotes no PA Nazaré

Área do Assentamento Nazaré	No. de famílias assentadas em 2012	No. de famílias em 2019
5.136, 6010	83	Nazaré do Alto= 67 Nazaré do Baixo= 95

Fonte: INCRA, 2015.

A abertura de ramais e estradas que ligariam o território do assentamento Nazaré a outros pontos, se deu a partir do ano 2000, com a chegada de empresas madeireiras que adentraram as florestas destes espaços.

Muitos moradores do igarapé Ipitinga negociaram espécies de madeiras nativas de alto valor comercial existentes em seus lotes, para que em troca, as madeireiras fizessem a abertura de um ramal que ligaria a comunidade ao município de Tomé Açu, mais propriamente a Vila Socorro, distrito de Tomé Açu. A estrada foi feita e passou a ser mais um acesso para a comunidade, mesmo que com outro município, no entanto os rastros de devastação começavam a ser deixados naquele lugar. A exploração madeireira e a derrubada de grandes áreas para se transformarem em pastos nas fazendas passaram a dominar a paisagem ao redor do PA Nazaré.

Esse fato rendeu mais tarde, o cenário propício à implantação do agronegócio do dendê, consolidando essa região como um grande polo de produção do produto.

O agronegócio do dendê trouxe em seu pacote a política que insere os Agricultores familiares em sua cadeia produtiva. Em áreas de assentamento essa política foi usada como maneira de convencer os agricultores, é o que vários autores (ALMEIDA, 2010), (GOMES; SILVA; MACEDO, 2016) classificam como monopolização do território. No caso do assentamento Nazaré ocorreram várias tentativas através de visitas nas comunidades, reuniões, palestras e visita dos técnicos aos agricultores sempre almejando conquista-los para o dendê. Apesar das investidas, durante a pesquisa, verificou-se que os assentados, em sua maioria não aderiram ao consórcio e apenas um agricultor mantém o contrato de parceria e cultiva dendê em seu lote.

Os agricultores desse assentamento têm um modo próprio e campesino de organização e luta pela terra, o que se vê pelos relatos, como demonstrado anteriormente. Seu modo de vida é voltado para a agricultura familiar, através do cultivo da mandioca, para a produção da farinha, da pimenta do reino, do extrativismo vegetal e animal. Esse modo vem sofrendo alterações ao longo da passagem dos anos e essas mudanças que, até então, eram gradativas e lentas sofreram acelerações por volta do ano de 2009, com a compra de terras e a chegada evidente do capitalismo, em forma de monopólio de terras, o qual se deu mais acentuadamente a partir da implementação de um polo da empresa Vale, mais especificamente através da Biopalma da Amazônia S/A e o cultivo da palmeira de dendê, para a extração do óleo diesel. O quadro abaixo ilustra a forma de ocupação e uso da terra no assentamento.

Quadro 2: Formas e uso e ocupação da terra pelos agricultores do PA Nazaré

2012 – 2019	Ocupação da terra (ha)*	Uso da terra	Principais razões para cultivar ou não dendê
Agricultor1(D)	50	dendê =33ha roça mandioca=3ha pimental= 2ha sitio= 1ha capoeira=29ha	- o dendê é agricultura diferenciada; - maior e mais rápido retorno financeiro - terra está cansada para cultivo de mandioca
Agricultora (A)	2 50	roça mandioca=2,5ha sitio= 2ha capoeira=40ha mata=16ha	- não se adaptou a proposta de cultivar dendê
Agricultor (AA)	3 25	roça mandioca=2ha capoeira=15ha	Trabalhou na empresa no plantio do dendê, naquela época não tinha tempo e hoje sabe dos malefícios

		mata=5ha sitio=2ha pimental=1ha	
Agricultor 4 (R)	25	roça mandioca=2ha sitio=1,5ha pimental=1ha mata=0,5ha capoeirão=10ha capoeira fina=10ha	A idade desse agricultor foi o principal motivo para não plantar dendê e o tamanho do lote.
Agricultor 5 (M)	25	roça mandioca=2ha sitio= 1,5ha pimental=0,5ha capoeira=6ha mata=15ha	Trabalhou na empresa desde o início por cinco anos. Depois que saiu sente-se melhor pode fazer seu próprio horário
Agricultor 6 (I)	73	roça mandioca=2ha; pimental= 3,5ha sitio= 1,5ha capoeira=.2oha mata=46ha	Não se identificou com o dendê. Toda mão de obra teria que se voltar para o dendê e os outros cultivos seriam abandonados.
Agricultor 6 (R M)	50	pimental=5ha capoeira=20ha mata=25ha	O dendê só seria viável se a área fosse maior.
Agricultor 7 (J)	25ha	pimental=2,5ha roça=2,5ha sitio=1ha mata=10ha capoeira=9ha	No dendê só se planta uma espécie e a família não come dendê. Gosta de plantar várias culturas.
Agricultor8(JS)	25ha	roças=4ha sitio=1ha capoeirão=10ha capoeira fina=10ha	Não saberia como trabalhar com dendê.
Agricultor9(b0)	25ha	mata=5ha roças=1ha açazal=1ha sitio=1ha capoeirão=10ha capoeira fina=7ha	O terreno é pequeno e o dendê ocupa área muito grande.
Agricultor10(M)	25ha	roças=2,5ha pimental consorciado=2ha sitio=2,5ha mata=5ha capoeirão=7ha capoeira fina=6ha	O terreno é pequeno e o trabalho é muito. Não sobraria tempo pra outros trabalhos.
Agricultora 11(L)	25ha	Roças=4ha açai e cupuaçu=1ha mata=10ha capoeirão=3ha capoeira em repouso=7ha	O dendê daria muito trabalho e acabaria com a terra por causa dos adubos e do veneno.
Agricultor(R)	50ha	Roças=2ha sitio=2ha capoeirão=30ha capoeira fina=16ha	O dendê ocupa uma área muito grande.

* = os entrevistados utilizam a tarefa como unidade de medida, sendo que 1 tarefa equivale 50m², para esses agricultores.

Fonte: Elaborado pelo autor com base as pesquisas de campo.

Perguntados sobre o interesse ou não pelo cultivo do dendê, os entrevistados demonstraram em suas falas que a decisão da maioria pela não adesão ao contrato muito se deu através dos esclarecimentos prestados pelas organizações sociais presentes na localidade como, associação, STTR e as orientações da igreja católica, que contribuíram para uma tomada de consciência apesar das promessas tentadoras do dendê. E o agricultor que aderiu demonstrou

que seu interesse partiu da busca por uma agricultura diferenciada que lhe rendesse maior retorno financeiro e demonstra-se satisfeito com o negócio, uma vez que seu dendezal encontra-se em fase inicial de produção e já percebe algum retorno financeiro, mas reconhece não saber quais as perspectivas para o futuro, pois o prazo para começar a quitar a dívida com a instituição financeira inicia-se a partir do ano de 2020.

Ainda assim, as transformações quanto ao uso da terra e dos recursos apresentam-se das mais variadas formas no espaço do vale do Ipitinga. Outro dado encontrado durante a pesquisa sobre as transformações no uso dos recursos da bacia hidrográfica do Ipitinga, foram as afirmativas sobre a importância do Igarapé para a mobilidade das pessoas que se transforma com a chegada do grande capital, mudando até mesmo a relação da localidade com a sede do município de Acará.

O emaranhado de estradas construídas para atender as estruturas do dendê, facilitaram o acesso, tornando as viagens que demoravam muito tempo pelo igarapé, mais rápidas e interligaram os povoados e comunidades a outros municípios, especialmente ao de Tomé Açu, distante cerca de 45km da localidade.

Assim, as relações econômicas e de busca por serviços públicos entre outros, tornaram-se mais frequentes com o município de Tomé Açu e diminuíram com a sede do próprio município como podemos perceber no trecho da fala de um entrevistado;

Ultimamente a gente tá dividindo o espaço da nossa agricultura com outro município[...]. O acesso pra gente chegar em Quatro Bocas é muito mais fácil do que chegar pro Acará que tem que passar lá na balsa e quem vai pra Tomé Açu, Quatro Bocas não tem essa necessidade de passar pela balsa, que não tem rio e vai direto. Até porque o produto da gente é mais bem aceito no município vizinho do que no nosso que o mercado para alguns produtos é muito mais baixo, como pra pimenta do reino por exemplo, então a gente sempre procura o que melhor pra gente né. Isso ajuda a vida do agricultor e acaba atrasando o nosso município do Acará. (Ivanel Costa. Entrevista realizada em setembro de 2019).

Evidenciando que não apenas o acesso é considerado na relação com outro município, mas também as condições econômicas oferecidas facilitam a busca por melhorias e que os camponeses se sentem abandonados de políticas públicas que atendam suas demandas.

4.2 A forma de uso comum dos recursos dá lugar ao assalariamento

O sistema de uso dos recursos no território do assentamento Nazaré, durante muito se estabeleceu pelo uso comum dos recursos naturais como florestas e recursos hídricos, que são os igarapés. Tinha-se como base de sustentabilidade, a agricultura de familiar, em que a família atuava de maneira conjunta, mas esse modo de viver deu lugar a um novo modelo marcado pela lógica do capital, em que os agricultores se viram tentados a buscar novos horizontes, influenciados pela promessa de empregos e geração de renda, suprimindo a cultura local.

Eu não tô lembrando que ano veio essa transformação de assentamento, isso aí foi quando foi dividido né, foi dividido as terras. De primeiro a gente trabalhava na terra aí, era uma terra devoluta, qualquer um entrava em qualquer lugar né, fazia uma roça, aí tirava madeira, não tinha dono. Aí depois que começou já se formar o assentamento, cada um já teve que ficar com seu pedaço de terra, e aí, já não pode entra no terreno do outro, porque daqui pra lá já é do fulano. E aí já é assim, duma parte pra li, já não se pode mexer né, na mata porque já é uma reserva que eles colocaram que já é uma reserva, que não se pode abrir serviço praquele lado, então já foi mais de que quando a gente não tinha uma visão de cada um ter seu pedaço de terra. Então a coisa era mais diferente né.

No relato dos entrevistados percebe-se que este evento criou novas expectativas, haja vista que a população sempre se sentiu abandonada pelo poder público e esperava ansiosamente por algum ‘progresso’ para a localidade. Ao buscar o assalariamento como fonte de renda muitas famílias perderam o vínculo com terra, com a agricultura que deixou de ser a atividade principal e passou a ser secundária ou em muitos casos deixou de ser praticada, abandonando os plantios e as roças onde antes eram produzidos os cultivos alimentares. No entanto, com o passar do tempo muitos destes trabalhadores assalariados foram dispensados e encontraram dificuldades de readaptação como podemos constatar na fala do entrevistado;

Enquanto eu trabalhava lá (na empresa) eu deixei de trabalhar no meu serviço, porque a gente saía das quatro horas da manhã e chegava das cinco, cinco e meia em diante né, então isso foi uma dificuldade muito grande que eu enfrentei quando saí de lá, que eu tive que comprar farinha[...], foi praticamente dois anos, foi enquanto eu vim fazer a minha roça, eu vim cuidar da roça, ela amadureceu pra mim poder começar tirar. (Adalberto Antonio, em setembro de 2019).

Portanto, o sistema de uso destes recursos estava baseado nas relações de compadrio e parentesco existentes entre os habitantes, respeitando-se as regras estabelecidas pelos próprios moradores e a comunidade em geral. No entanto, o tão sonhado ‘desenvolvimento’ trouxe consigo benefícios e malefícios apontados diretamente nas falas dos moradores entrevistados, os quais são enfáticos ao afirmarem que tais transformações mudaram em parte as relações dos

camponeses com estes recursos. Como neste relato: “Assim como veio melhoria, veio também aquelas coisas que não presta né; o meio de acesso ficou mais fácil [...] aí já aconteceu de muito assalto né, roubo e todas essas coisas, veio junto com essas transformações”. (Raimundo Damasceno, entrevista concedida em setembro de 2019). Outro entrevistado acrescenta: “Quando eles implantaram essa empresa aí, que eles chegaram com esse projeto, eles diziam que ia beneficiar muito os moradores daqui. Sendo que beneficiou para aqueles que se empregaram lá, como eu, mas só que ninguém pensava que ia chegar esse ponto de causar tudo isso que tá acontecendo né, principalmente ao nosso igarapé”. (Adalberto Trindade. Entrevista concedida em setembro de 2019).

Apesar da propaganda quanto ao cultivo do dendê de ser uma cultura “ecologicamente correta” por utilizar áreas degradadas e contribuir para diminuição do efeito estufa, percebe-se que o mesmo vem ocasionando impactos locais como expressa a fala dos moradores, especialmente aos recursos hídricos, pois os efluentes produzidos na prensagem dos frutos do dendezeiro, ao qual os moradores popularmente denominam como tibórnia, é lançado em grande quantidade diariamente nos dendezaís, que estão cercados por cursos d’água, esses rejeitos sofrem o processo de lixiviação e acabam encontrando os muitos igarapés que banham a região, ocasionando mudança na coloração da água, mal cheiro, morte de peixes e outros animais, impedindo o uso destes recursos pelos moradores.

A coisa mais assim que eu não esqueço, mais triste mesmo, foi no dia em que eu vi os peixes morrendo no igarapé. Para mim a decepção maior que eu tive, depois que eu vim pra cá, foi quando eu vi esses peixes morrendo nesse igarapé. Aí eu pensei ‘caramba, agora acabou mesmo’, porque já pensou uma água dessas daquele jeito que ficou e matando tudo o que tinha lá dentro do igarapé. Só podia ser um veneno porque tava matando os peixes, eu vi os peixinhos tudo boiando, vindo pra beira morto, a maioria morto e os outros procurando abrigo, assim com a boquinha pra fora querendo respirar. Então a pior mudança que eu vi, que veio mesmo e arruinou esse igarapé foi no dia que eu vi esses peixes morrendo aí. Nós ainda tentamos salvar, pegamos alguns e colocamos num balde com uma água limpa, mas Deus livre era só pra quem viu, foi um desastre mesmo. E a cor da água? Que aquilo tava uma pura lama, fedia demais, era pura tibórnia. (Raimundo Damasceno. Entrevista concedida em setembro de 2019).

Os moradores referem-se a estes e outros fatos ocorridos com muita tristeza e são enfáticos ao afirmar que tais acontecimentos se dão em decorrência do derramamento dos resíduos do dendê, os mesmos afirmam que por diversas vezes já procuraram a secretaria de meio ambiente do município para denunciar, mas não obtiveram resposta afirmativa e que por

diversas vezes já reuniram com representantes da empresa para tratar do assunto, porém sem sucesso em suas reivindicações, como segue o relato:

O movimento aqui nesse igarapé tá totalmente diferente de como era no passado. Ficou diferentemente de como era, foi depois que começou a sair o dendê, começou vim aquela água suja, aquela tibórnia que eles vêm jogar no dendezal, aí desce pro igarapé e fica aquela sujeira. A gente vai lá, fala, eles dizem que não vai acontecer, com pouco tempo começa tudo de novo. Já morreu muito peixe aqui e quando chove, que desce aquela tibórnia, o igarapé vira um tijucá e a gente sente aquele cheiro ruim. (Antônia Costa. Entrevista concedida em setembro de 2019).

A gente tem medo de usar o igarapé até pra tomar banho, mas esse era o nosso costume e fica difícil agora ter que se acostumar com água de poço. Mas quem teima de continuar usando o igarapé se queixa de coceira e problema na pele. É de repente quando a gente olha aí na frente a água tá parece um tucupi, bem mesmo escura, e não precisa chover aqui, basta dá uma chuva aí pra cima que desce (José oliveira. Entrevista concedida em agosto de 2019).

Constatou-se, portanto, que os moradores que contribuíram com a pesquisa, embora reconheçam as vantagens que o dendê trouxe para a localidade (facilidade de acesso, empregos), sentem-se temerosos e desconfiados quanto ao futuro. Sendo o fator contaminação ambiental o que mais se destacou entre as preocupações, vejamos o relato a seguir:

O medo maior que eu tenho é com a contaminação da nossa água. Porque a nossa água se for do jeito que tá indo daqui com um tempo, se nós não tiver cuidado com a nossa água, vamos ficar em falta de água. Porque pra todo lado que tem dendê tá sendo jogado os resíduos, então isso, eu não sei por quantos anos é que eles vão jogar, mas eu acredito que seja por muitos anos e isso vai provocar muito impacto ambiental na nossa água, como já tá provocando e esse é o meu maior medo, é uma preocupação muito grande que eu tenho da gente ficar sem nossa água potável. (Ivanel Costa, entrevista concedida em setembro de 2019).

Os moradores também se queixam do aparecimento de insetos que não eram comuns antes do evento do dendê como a presença constante de moscas e mosquitos em quantidade que chegam a incomodar as pessoas e os animais domésticos, e já causaram prejuízos aos agricultores que em alguns casos perderam a produção de farinha de mandioca em decorrência desses insetos. Um dos entrevistados comenta, “as moscas, nós tinha época, era uma vez por ano no período da safra das frutas que ninguém vencia e apodrecia, aí aparecia mosca, mas agora é direto não parou mais” (João Trindade. Entrevista concedida em agosto de 2019).

4.3. A mudança dos referenciais com a construção dos ramais

Os trechos que margeiam o igarapé Ipitinga à primeira vista parecem como labirintos com seus percursos intrincados de modo a não facilitar a vida daqueles que se atrevem a passar por eles, todavia, eles seguem o mesmo curso dos diversos “braços” que compõem a microbacia., a principal referência dos agricultores que vivem na localidade. Se antes, ele determinava o ir e vir, hoje, com a chegada das estradas, ramais e plantações de dendê, ele deixou de ser navegável em toda sua extensão, concentrando-se isto mais a jusante, sobretudo na comunidade Nazaré do Baixo. Os entrevistados apontam como era o igarapé Ipitinga no passado, como se destaca no trecho de entrevista:

Nosso igarapé Ipitinga, servia para nós escoar nossa produção, chegar até na cidade. Muitas pessoas morreram em viagem aí, porque não dava tempo pra chegar até no medico na cidade. [...] Ele servia para gente tomar banho, beber a água, lavar roupa, fazer tudo, e basicamente hoje, por causa de muito impacto né, ambiental, ele tá praticamente morto, mas mesmo assim ele não deixa de ser igarapé (Odinildo Paiva Costa, entrevista concedida em agosto de 2019).

Mas não só o Ipitinga, outros referenciais eram tidos como os espaços do território que marcavam algo ou algum local de seus ocupantes. Eram caminhos, florestas, árvores de grande porte, trechos do igarapé Ipitinga, por onde os moradores caminhavam nas épocas de caça, nos trabalhos de extrativismo e através destes referenciais conheciam o espaço geográfico do território que convergia para o seu mais importante igarapé.

Me alembro né, como era o igarapé, quando chegava assim, a época do inverno, aí ficava grande! A água vinha aqui na porta dessa nossa casa, a nossa casa era bem aí. Eu me alembro que aí adonde o Zé Cunha mora era o comércio do velho Juca e aí, quando ele saía, aí ele deixava o papai lá como responsável do comércio né. E aí quando dava essas enchentes, ele comprava madeira, dava essas enchentes, tinha madeira em tábua que boiava, a madeira ficava tudo engatada nesse igapó aí. Aí de manhã cedo nós muleque né, pulava praí, ia puxar tábua pro seco, até essas horas do dia puxando madeira lá, pra água não levar. Ficava bem grandão esse igarapé! E quando era o tempo de verão, secava, mas a água era bonita né, uma água bem clara mesmo! Era usada pra tudo, aqui ninguém tinha poço, nem boca aberta, nem artesiano. Se servia aí, só com água do igarapé: era pra tomar banho, pra cozinhar, pra fazer tudo. Aí a gente fazia uso só com essa água do igarapé, que era bem bonita, e depois já que começou essa empresa aqui, duns tempos pra cá, começou a modificar né, a cor da água começou fica assim. Tinha dia que ficava bonita, tinha dia que ficava feia. Ficava assim, entremeadado né, aí quando foi de uma época pra cá, a água não prestou mais. Todo mundo teve que fazer poço, que não pode mais se fazer uso da água, até mesmo pra tomar banho. Quando ela tá suja mesmo, se der um pulo nela aí, fica coçando é tudinho! Não presta nem pra tomar banho. E o igarapé, ele secou mesmo! Uma diferença muito grande né, que a gente vê que uma época dessa antigamente ele era grande né, e agora não, agora ele não aguenta água aí, todo tempo quase ele fica assim e seca

mesmo, e nessa época lá, era muito difícil do igarapé ficar assim bem seco mesmo, além da água ser bonita e agora não, principalmente esse inverno, nem cresceu quase, e o inverno foi grande. (Romualdo Dias da Trindade, entrevista concedida em setembro de 2019).

Com o advento do dendê que trouxe consigo uma estrutura própria, com abertura de malha viária para ligar as fazendas, agora transformadas em extensos dendezaís, todos estes espaços se modificaram. Igarapés foram aterrados, florestas cortadas e o espaço-temporal passou a mostrar-se homogeneizado pela monocultura do dendê.

As transformações também modificaram a paisagem no contexto geográfico das comunidades, pois se antes as moradias eram construídas tendo como referência o igarapé, atualmente as construções se voltam para os ramais, e até a igreja da comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Baixo, que está sendo reformada, sofreu essa alteração e recentemente teve sua planta modificada: sua entrada principal, a frente, foi transferida para o ramal.

Sobre esse assunto alguns entrevistados trataram como um conflito que se estabeleceu entre os próprios comunitários não concordavam que a igreja “abandonasse” o igarapé, porém foram convencidos pelo argumento de que as casas agora se voltam para o ramal e a igreja precisava acompanhar essa mudança. Como no relato a seguir:

Quando nós fizemos as primeiras capelas, que com essa já são três, a nossa visão era pro igarapé que era lá que passava tudo né, nós construímos até várias pontes no porto da igreja pra dá acesso pro povo que vinha. Então o nosso pensamento era esse, mas depois que varou estrada, o igarapé totalmente, essa parte da ponte pra cima, ela não teve mais muito acesso pelo igarapé, só é nas estradas. Então não foi fácil, que o pessoal queria que ficasse como era. Foi até pra uma reunião pra tipo chegar num acordo, entende? (Manoel do Socorro. Entrevista concedida em setembro de 2019).

Eles achavam que se nós virasse a igreja, nós tava desprezando aquilo que Deus criou. E, aí aqueles que entenderam que ela deveria ficar de frente pro povo tiveram uma luta muito grande pra convencer os outros, porque se criou um conflito né. Aí fomos e até que conseguimos, agora vamos dizer que nós ainda temos 30% do pessoal que não aceita essa igreja do jeito que ela está. (Elçom Muniz, entrevista concedida em setembro de 2019).

Observou-se que, embora pareça uma transformação simbólica, esse acontecimento gerou entre os moradores, um desconforto e mudou ainda mais a relação estabelecida até então com o igarapé, tornando-o secundário. Com isso, o Ipitanga tornou-se assoreado, recebendo maior vazão quando chega o inverno amazônico e o período das chuvas.

A seguir, apresenta-se, através do croqui, um quadro geral do assentamento Nazaré. Em razão de sua topografia e abundância de cursos d'água, conforme se nota na Figura 1 acima, a área que compreende a microbacia do Ipitinga e seu entorno é dominada por plantações de dendezaís, deixando o PA Nazaré 'encurralado' pela monocultura de dendê, como se vê no croqui abaixo (**figura 2**):

O monocultivo presente nos arredores do assentamento demonstrados no croqui, representam tudo aquilo que os moradores evidenciaram em suas falas durante a pesquisa de campo, e aparece na contramão da cultura desenvolvida durante séculos no campo, que tem na agricultura familiar e na relação com a terra e com todos os recursos sua expressão mais forte. Relação que se percebe quebrada com o avanço do grande capital que traz consigo o tão alardeado desenvolvimento porém, carrega em seu bojo todos os artefatos de uma cultura perversa que ao longo da história da humanidade tem deixado rastros de destruição no planeta.

Por outro lado, percebemos a resistência dos camponeses que lutam para se manter enquanto um modo de vida próprio, mesmo em meio aos desafios impostos pelo capital que conforme afirmam Acselrad e Bezerra (2010).

Com a imposição das condições as mais desejáveis para si, os grandes empreendimentos tornam-se “quase sujeitos” das políticas de regulação do território, bem como dos limites de aceitabilidade dos riscos para a própria população local. O processo de construção, por parte da população, do que ela entende por intolerável e arriscado ficará constrangido pelas condições impostas pelas empresas. (ACSRALD; BEZERRA.2010 p.181).

Tal afirmativa se torna evidente no estudo realizado acerca do assentamento Nazaré diante das transformações aqui expostas e a tantas outras que estão nas entrelinhas das falas dos moradores entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi identificar as transformações socioambientais que vem ocorrendo no assentamento Nazaré, Acará-PA, especificamente o igarapé Ipitinga, que corta toda a extensão do assentamento e tem sido alvo do derramamento de efluentes da agroindústria de dendê. Ponderamos que a pesquisa apresentou, apenas alguns aspectos referentes a temática e que há muito a ser explorado no que tange as transformações e alterações na bacia hidrográfica do Ipitinga, visto que esse objeto exige análise mais intensa no campo das ciências naturais.

No percurso para a construção do presente trabalho foi possível identificar essas transformações no que tange o uso dos igarapés, tanto os que estão dentro do PA, quanto os que estão em seu entorno, onde domina a **elaeis guineenses**, com sua peculiar forma geométrica. Trata-se de modelo hegemônico da cultura exógena ao meio físico e socioespacial, que corresponde a base agronegócio do dendê.

Tal forma de cultivo adentram as terras, alteram o curso dos igarapés que banham o rio Acará e modificam a paisagem, como se fossem veias, que foram e continuam sendo abertas no entorno da bacia hidrográfica do igarapé Ipitinga que corta o assentamento Nazaré,

Nesse contexto percebeu-se intensas transformações na estrutura socioambiental desse território, devido a sua proximidade com os extensos dendezaís e com a indústria de processamento. Essas transformações têm influenciado e alterado de forma direta, a dinâmica e as relações dos camponeses com os recursos existentes.

Assim, este trabalho objetivou contribuir com a sociedade no sentido de servir como fonte para novos estudos, pois a temática apresentada encontra-se entre as mais atuais, fazendo-se necessário tecer discussões e aprofundamentos, para compreender as transformações e tornar visível os verdadeiros afetados, muitas vezes, sem vez e sem voz. Neste sentido, entendemos que a questão norteadora do trabalho e os objetivos foram alcançados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACSELRAD, Henri; BEZERRA, Gustavo das Neves. Desregulação, deslocalização e conflito ambiental: considerações sobre o controle das demandas sociais. In: ALMEIDA, A. W. B. et al (org.). **Capitalismo globalizado e Recursos Territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. p. 179-209.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. Agroestratégias e Desterritorialização: Direitos Territoriais na mira dos estrategistas dos agronegócios. In: ALMEIDA, A. W. B. (org.). **Capitalismo globalizado e Recursos Territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. p. 101-143.
- COUTO, A.C. Oliveira; SOUZA, R. Benevides; MACEDO, Cátia, O. A fronteira do dendê na Amazônia; o caso do nordeste paraense. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21., Minas Gerais, 2012. **Anais...** Minas Gerais: UFU, 2012. 16 p. p. 1-16.
- Flick, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GORGEN, Frei Sérgio Antonio. Agrocombustíveis. In: CALDART, Roseli Salette (org.). **Dicionário da Educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão popular. 2012. p. 52-58.
- GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da. **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 472p.
- GUERRA, Antonio José Teixeira; MARÇAL, Mônica dos Santos. **Geomorfologia ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, 192.
- IORIS, Antonio Augusto. R. Da Foz as nascentes: Análise histórica e apropriação econômica dos recursos hídricos no Brasil. In: ALMEIDA, A. W. B. et al (org.). **Capitalismo globalizado e Recursos Territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lamparina. 2010. p. 211-255.
- MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Camponeses, donos de engenho e escravos na região do Acará nos séculos XVIII e XIX. **Papers do NAEA**. Belém out.2000. 153, p.4-26
- MARIN, Rosa Elizabeth. A; ACEVEDO, Rubem. B. Oliveira. Danos sociais e ambientais pela exploração mineral em Barcarena. In: MARIN, Rosa Elizabeth. A. (org.). **Povos Tradicionais em colisão com estratégias empresariais no Maranhão e no Pará**. Manaus: UEA Edições, 2015. p. 139-172.
- NAHUM, J.S; SANTOS, C, B. A dendeicultura na Amazônia paraense. GEOUSP-Espaço-Tempo (Online) v.20 n.2, p.281-294.2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/122591>. Acesso em: 23 Set. 2019.
- RAMOS, Gabriela Oliveira et al. Análise Multitemporal da Expansão da Dendeicultura nas Sub-bacias Acará Mirim e Miriti-Pitanga, no Nordeste Paraense. In: CONGRESSO AMAZÔNICO DE MEIO AMBIENTE & ENERGIAS RENOVÁVEIS, 2, 2016, Belém. **Anais...** Belém: UFRA, 12-16 set. 2016. (páginas).

RIBEIRO, Rosa Helena C. **Impactos Sócio Ambientais de produção de palma de dendê na Amazônia Paraense: uso de agrotóxicos e poluição ambiental nas sub bacias hidrográficas Tailândia (PA)**. 2018. 106f. Dissertação (Mestrado-PPGEDAM) - Núcleo do Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10316>. Acesso em: 17 set.2019.

SILVA, Elielson P. **Agroestratégias e Monocultivos de dendê: A transferência silenciosa das terras da reforma agrária para o grande capital na Amazônia paraense**. 2015. 241f. Dissertação (Mestrado em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) - Núcleo do Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

TEODORO, Valter Luiz Iost; TEIXEIRA, Denilson; COSTA, Daniel Jadyr Leite; FULLER, Beatriz Buda. O conceito de bacia hidrográfica e a importância da caracterização morfométrica para o entendimento da dinâmica ambiental local. **Revista Uniara**, n.20, 2007, pp. 137-156. Disponível em: https://www.uniara.com.br/legado/revistauniara/pdf/20/RevUniara20_11.pdf. Acesso em: 18 de novembro de 2019.

ANEXOS

A - QUESTIONÁRIO

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Quantos anos você mora nessa localidade?
- 3- Como era o igarapé no passado?
- 4- Como ele era utilizado pelas pessoas?
- 5- Como está sendo utilizado hoje?
- 6- A partir da chegada do dendê, o que mudou referente ao uso do igarapé?
- 7- E o uso da floresta, o que mudou?
- 8- Quantos braços você conhece do Ipitinga?
- 9- Como estes eram e são usados?
- 10- O que é um igarapé morto para você?
- 11- O que é um igarapé vivo?
- 12- Você participa de alguma associação? Qual? E sindicato? Qual?
- 13- Qual o papel dessas organizações para a localidade?
- 14- Qual foi a importância da organização em assentamento do território para você?
- 15- O que motivou a organização em associação?
- 16- Como a Comunidade resistiu a inclusão do dendê na agricultura familiar?
- 17- Qual é a sua opinião sobre a chegada do dendê nesta região?
- 18- Aponte os benefícios e as dificuldades que o empreendimento do dendê trouxe no seu entendimento?

B - Fotografias

Entrevistas com lideranças comunitárias do Assentamento Nazaré



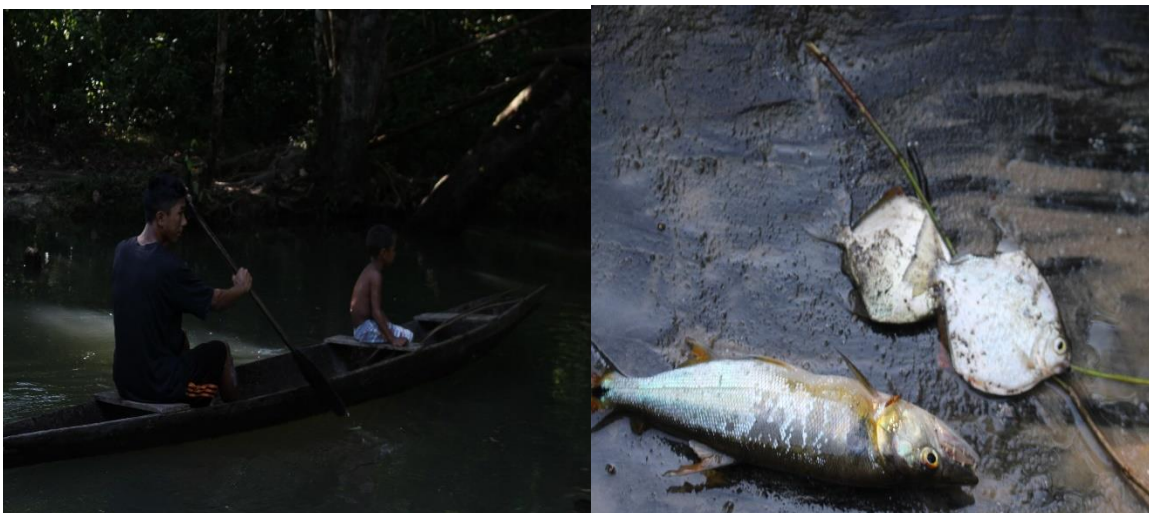
Fonte: Eliana Teles, abril de 2019.

Igarapé Ipitinga e vegetação de aguapé em sua margem



Fotografias: Elielson P. Silva, agosto de 2019

Morador pesca no trecho do Ipitinga que é navegável. Ao lado os tipo de peixe



Fotografias: Eliana Teles, agosto de 2019

Imagens de igarapé morto no Ramal do Inferninho, próximo ao PA Nazaré



Fotografias: Elielson P. Silva, agosto de 2019

Imagens de igarapé com barragem e tubulação



Fotografias: Elielson P. Silva, agosto de 2019

Igarapé com tiborna em área próximo ao PA Nazaré



Fotografias: Elielson P. Silva, agosto de 2019